

O suicídio no cotidiano e imaginário do personagem Justiceiro

Suicide in the daily and imaginary of the Punisher character

Alberto Ricardo PESSOA¹

Resumo

O artigo investiga as marcas de discurso do Justiceiro e o diálogo que o mesmo estabelece com o Imaginário acerca do suicídio. Justiceiro é um personagem que flerta com o suicídio, seja como testemunha ou como protagonista em suas histórias. A hipótese é que o estereótipo do herói é encarar o suicídio como um sacrifício e assim torna-se um mártir, enquanto Justiceiro, entende que ele é parte do problema que terá de enfrentar a si quando o mesmo acabar com todos os inimigos. O Justiceiro é um dos personagens mais populares da Marvel Comics e um dos poucos que toca numa temática importante porém evitada por grande parte de empresas de licenciamento de personagens. Com base em Rosenfeld, Xavier e Costa, a questão do artigo é criar um painel semântico entre o que recebemos de informação midiática e consolidarmos como discurso normativo entre heróis, o suicídio e o contraponto que Justiceiro apresenta.

Palavras-chave: Imaginário. Suicídio. Herói.

Abstract

The article investigates the marks of speech of the Punisher and the dialogue that establishes with the Imaginary about the suicide. Punisher is a character who flirts with suicide, either as a witness or as a protagonist in his stories. The hypothesis is that the stereotype of the hero is to view suicide as a sacrifice and thus becomes a martyr, while a Punisher, understands that he is part of the problem that he will face when he ends up with all his enemies. The Punisher is one of the most popular characters in Marvel Comics and one of the few that touches on an important theme that is largely avoided by character licensing companies. Based on Rosenfeld, Xavier and Costa, the question of the article is to create a semantic panel between what we receive from media information and to consolidate as a normative discourse between heroes, suicide and the counterpoint that Punisher presents.

Keywords: Imaginary. Suicide. Hero.

¹ Professor Pós-Doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC/UFPB) e do Curso de Comunicação em Mídias Digitais (DEMID/UFPB). E-mail: albertoricardopessoa@gmail.com

Introdução

Nova York, mais uma noite na vida de Frank Castle, conhecido como o Anti-herói Justiceiro. Em um prédio abandonado Frank vive em um bunker que o protegeria de uma guerra nuclear. Sentado em uma cadeira ele observa uma fotografia de sua esposa e filhos, relembra do assassinato de sua família e fica depressivo. Neste momento ele saca a sua arma, coloca na boca e destrava a arma. Ele cogita se matar. O silêncio invade a sala e Frank hesita. Ele trava a arma, veste sua roupa que tem um símbolo de caveira no peito e parte rumo a sua guerra sem fim.

A descrição acima é baseada na adaptação do filme Punisher: War Zone, de 2008, dirigido por Lexi Alexander e com interpretação de Ray Stevenson como Justiceiro. A cena retrata um elemento comum na rotina de Justiceiro que é a ideia constante do suicídio, um tema que carece de estudos nas áreas de humanidades. Segundo Ana Luísa Costa,

O suicídio é, segundo Durkheim, “todo o caso de morte que resulta, direta ou indiretamente, de um ato, positivo ou negativo, executado pela própria vítima, e que ela sabia que deveria produzir esse resultado”. Conforme o sociólogo, cada sociedade está predisposta a fornecer um contingente determinado de mortes voluntárias, e o que interessa à sociologia sobre o suicídio é a análise de todo o processo social, dos fatores sociais que agem não sobre os indivíduos isolados, mas sobre o grupo, sobre o conjunto da sociedade. Cada sociedade possui, a cada momento da sua história, uma atitude definida em relação ao suicídio. (COSTA, 2014, p. 04)

Por se tratar de um personagem trabalhado em um sistema industrial e comercial de produção, Justiceiro foi escrito e desenhado por diversos autores ao longo de sua existência, e sua essência foi mantida ao longo desse período, diferentemente de outros personagens que morreram, ressuscitaram, ficaram mais jovens, mudaram a etnia entre outras alterações. Importante destacar, no entanto, que cada personagem de séries como o Justiceiro possui determinados elementos de construção do arquétipo que não são negociáveis, no intuito do personagem ser identificável com o público alvo. Para Adilson Xavier,

Histórias dão sentido à vida. Sustentam nossos valores básicos, as religiões, a ética, os costumes, as leis, os múltiplos aspectos culturais que nos cercam. Histórias nos dão segurança, estabilidade grupal, erguem celebridades, empresas e nações. Soa exagerado, mas até isso faz parte das histórias: acentuar os traços para impressionar o público e reforçar pontos de vista. (XAVIER, 2015, p.321)

Um exemplo é o Homem - Aranha, que possui diversas versões para acentuar as vendas de sua franquia, mas se mantém com o fato de ter seus poderes baseados em uma aranha e que vive sob o dilema que com “grandes poderes vem grandes responsabilidades”.

Justiceiro tem uma concepção diferente em relação aos demais personagens consagrados da Marvel Comics e DC Comics. De acordo com Adilson Xavier,

(...) todos surgiram na Golden Age dos quadrinhos, entre 1933 e 1963. Todos foram gerados em um momento de insegurança mundial, sob o impacto da Segunda Grande Guerra. E todos foram criados por judeus. Joe Shuster e Jerry Siegel nos deram o Super-Homem, que alguns analistas consideram uma referência a Moisés: o menino abandonado à própria sorte em uma terra estranha, salvo e adotado por acaso, que se descobre com poderes especiais, tornando-se responsável por livrar seu povo de vários perigos, e revelando-se um grande líder. (XAVIER, 2015, p.449)

Figura 01: Homem Aranha e encarnações do personagem



Fonte :<https://moviepilot.com/posts/2770062>

Justiceiro é mais conservador em suas alterações e, diferentemente de outros personagens ele mantém um distanciamento em relação ao público jovem. Um exemplo disso é a sua representação gráfica, um homem que vai se envelhecendo e mantendo a coerência do fato de ser um veterano da Guerra do Vietnã, conflito que a cada dia se torna mais distante do imaginário e cotidiano do jovem leitor de histórias em quadrinhos.

Dessa forma, entendemos, que apesar de um personagem de quadrinhos tratar do tema suicídio ao público alvo que o jovem, o personagem não glorifica e não apresenta uma identificação com o mesmo. Há um distanciamento, tanto em representação gráfica quanto à construção de personalidade e portanto de motivos que o Justiceiro suscita o suicídio.

Figura 02: Justiceiro e encarnações do personagem



Fonte: <http://www.movies.com/movie-news/new-punisher-tv-show/20279>

O suicídio no universo de heróis, dos quais Castle foi concebido por Gerry Conway na década de 70 é um assunto a ser evitado pela preocupação em não provocar uma apologia a prática, principalmente se levarmos em consideração o público leitor de comics, são autores pontuais que falam acerca do tema e na maior parte das vezes como um ato de heroísmo. Segundo Anatol Rosenfeld,

A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação. (ROSENFELD, 2014, p.48)

No universo dos comics de super heróis um dos exemplos mais icônicos de suicídio é de Jean Grey, integrante da formação original do X-men, grupo de heróis criado por Stan Lee na década de 60.

Inicialmente conhecida como Garota Marvel, Jean começa a desenvolver seus poderes durante as aventuras da equipe, a ponto de tornar-se extremamente poderosa. Dotada de um poder crescente que a consumia e alterava a sua personalidade para algo maligno, Jean Grey se autodenomina Fênix e passa a ser uma ameaça para o universo, chamando a atenção de um império conhecido intergalático como Shiar, publicados pela primeira vez em *Uncanny X-Men #97* e criados por Chris Claremont e Dave Cockrum. A sua Imperatriz, Lilandra Neramani entende que Jean Grey deve ser condenada à morte por consumir a energia de uma estrela e dizimar a população que dependia da energia vital do astro.

Jean Grey vai a julgamento e os X-men conseguem exigir uma lei que permite que o grupo lute pela vida de sua companheira em uma espécie de torneio com a guarda imperial, a ser realizado na lua, um local neutro para ambas as equipes.

Em um conflito sangrento entre a guarda real deste império e a equipe dos X-man, Jean Grey se descontrola ao ver seu namorado Ciclope ser abatido. Sua fúria a transforma novamente em Fênix e o mundo parece estar condenado, uma vez que a mesma derrota tanto guarda imperial como os X-man com extrema facilidade. Jean Grey, em um lampejo de consciência compreende que é uma força que não pode ser controlada e que precisa morrer.

Ela, então, desenterra uma arma do império Shiar e se mata na frente de seu amado Ciclope. Ela dá a própria vida para salvar mundo dela mesma.

Esse tipo de suicídio, visto como um sacrifício do herói é o estereótipo mais comum entre heróis e suas aventuras e que possui aceitação entre leitores, mas quando

direcionamos o tema para o Justiceiro, a temática ganha novos contornos comunicacionais que aproxima o personagem do cotidiano e que reconfigura o imaginário do Super-herói.

Figura 03: Jean Grey e Ciclope



Fonte: <https://mahmusecomics.com/2014/06/17/behind-the-scenes-on-phoenix/>

(...) as personagens atingem a uma validade universal que em nada diminui a sua concreção individual; e mercê desse fato liga-se na experiência estética, à contemplação, a intensa participação emocional. Assim, o leitor contempla e ao mesmo tempo vive as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar, visto o desenvolvimento individual se caracterizar pela crescente redução de possibilidades.. (ROSENFELD, 2014, p.46)

Apesar de ter sido criado na década de 1970, Justiceiro vai ter a sua origem contada de forma completa na década de 1990, com a história Justiceiro ano Zero (1994), escrita por e ilustrada por. Dan Abnett, Andy Lanning, Dale Eaglesham. Na trama Frank Castle cogita o suicídio após perceber que a polícia arquivou o caso do massacre de sua família devido a corrupção entremeadada com policiais e mafiosos. Castle mira uma arma para a própria cabeça mas atira na contra a parede no momento derradeiro.

Em Corporação de Assassinos (1988), escrita por Jo Duffy e ilustrada por Jorge Zaffino temos o Justiceiro como coadjuvante de um ato de suicídio. Na trama Justiceiro desbaratna uma quadrilha que usa menores para cometerem crimes e ao mesmo tempo investiga uma família japonesa de assassinos de aluguel. Unidos no intuito de acabar com a quadrilha, Justiceiro junta forças com Reiko e seu discípulo, Masumi.

Após invadirem o prédio do líder da quadrilha, eles conseguem chegar ao líder, mas sofrem uma baixa de guerra. Masumi é ferido e feito prisioneiro. O mesmo consegue escapar e mortalmente ferido. Justiceiro e Reiko não conseguem chegar perto do líder, Sr. Fletcher, que está prestes a fugir e se proteger com um vidro blindado. Eis que o discípulo agarra o líder e exige que o Justiceiro atire no líder, mesmo que isso resulte em sua morte.

Justiceiro hesita mas entende que o sacrifício do discípulo é por um bem maior e executa ambos. A autora Jo Duffy remete ao personagem de origem oriental um código de honra conhecido como *meifumadou* ou “caminho errante do mundo dos mortos”, do qual o guerreiro é capaz de dar sua vida em nome de cumprir uma determinada missão, o que preservaria a sua própria honra.

Ao analisarmos o Justiceiro escrito por Garth Ennis o debate ganha novas relações de sentido, uma vez que o autor escreve histórias sobre Castle antes de se tornar Justiceiro, com desfechos possíveis para o anti herói e a marca da enunciação do suicídio está presente na vida Castle, seja como testemunha ou como protagonista da ação. Segundo Xavier (2015), “verdade. Este é o grande tesouro a ser extraído de toda a história, especialmente as ficcionais. Uma boa história tem que ser verdadeira, mesmo quando totalmente inventada.”

Figura 04: Cena de Corporação de Assassinos



Fonte: <http://zaffinomagnopus.blogspot.com.br/2014/08/the-punisher-assassins-guild-texts-by.html>

As histórias em quadrinhos de Justiceiro, principalmente as escritas por Garth Ennis, que desafiam as recomendações de especialistas sobre as formas de apresentar o suicídio, ainda mais quando o recorte é o público infante juvenil, apesar da publicação de Justiceiro ter advertência estampada na capa que é voltado para o público adulto. Este aviso pode ser respeitado nos Estados Unidos, país de origem da publicação, mas no Brasil é perdido para o consumidor, uma vez que o foco de venda desse tipo de quadrinhos são as bancas de jornal, que colocam as revistas em quadrinhos, infantis, juvenis ou adultos, no mesmo local. Este artigo visa analisar esse tema distante na vida de outros heróis, mas impregnado na jornada do Anti-herói de Justiceiro.

Comics e suicídio

Apesar de Comics ser a denominação para qualquer tipo de história em quadrinhos produzidas no mercado americano, ela também é sinônimo de quadrinhos de Super heróis.

É uma das primeiras fontes de leitura do público infante juvenil e o tema do suicídio foi abordado de maneira superficial pelos autores na maior parte da história dos comics com ênfase em Super heróis.

Isso se deve a própria concepção da criação e popularização dos comics americanos, que tem como premissa uma leitura superficial e popular, com objetivo de venda massificada de quadrinhos, franquias de marcas e personagens e adaptação das histórias em quadrinhos para outros meios de comunicação.

É uma peça de ficção, ainda que evidentemente calcada em nós do cotidiano, e não há terreno mais adequado para discutir questões delicadas, não importa quais sejam, do que obras de arte ou peças da cultura popular.

(...) a grande obra de arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo). (ROSENFELD, 2014, p.45)

Dito isso é compreensível que temas como o suicídio seja pouco explorado nos comics. Ao mesmo tempo ressalta a relevância de Justiceiro como fenômeno comunicacional, uma vez que o mesmo é um personagem que está entre os mais populares e vendáveis, sendo desde quadrinhos até camisetas com o logotipo da caveira estampado no peito.

O público alvo de consumo das histórias e produtos relacionados ao personagem precisa ser considerado dentro de nossa pesquisa. O processo de mimetização que o jovem pode acometer é conhecido por efeito Werther.

(...) A partir de 1774, a Europa romântica foi sacudida por uma onda de suicídios de jovens que se identificaram com o amor não-correspondido do protagonista [...] a ponto de adotarem a mesma saída

para seus próprios dramas: matar-se com um tiro de pistola. [...] Seja como for, o efeito causado na opinião pública pelos casos de suicídio de leitores solidários a Werther que vieram à tona na ocasião [...], foi duradouro e exemplar. (DAPIEVE, 2006, p.12-13)

A expressão teve origem no romance *Os sofrimentos do Jovem Werther* do alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749 - 1832), publicado em 1774 da qual Jovens daquele tempo se vestiam como o protagonista da história e deixavam o livro na passagem culminante.

O tipo de suicídio mais comum envolvendo heróis é relacionado ao auto sacrifício por um bem maior. Mesmo entre vilões a premissa é a mesma: o fim por um bem maior, mesmo que numa concepção distorcida do que seja o bem nesse caso. São raros os exemplos de suicídio vinculado a depressão.

Suicídio Altruísta: é aquele no qual o indivíduo sente-se no dever de fazê-lo para se desembaraçar de uma vida insuportável. É aquele em que o ego não o pertence, confunde-se com outra coisa que se situa fora de si mesmo, isto é, em um dos grupos a que o indivíduo pertence. Temos como exemplo os kamikazes japoneses, os muçulmanos que colidiram com o World Trade Center em Nova Iorque, em 2001, etc.; (COSTA, p.04, 2014)

A Organização Mundial da Saúde (OMS) tem orientações muito claras sobre como mostrar o suicídio nos meios de comunicação de massa. De acordo com a OMS,

A mídia desempenha um papel significativo na sociedade atual, ao proporcionar uma ampla gama de informações, através dos mais variados recursos. Influencia fortemente as atitudes, crenças e comportamentos da comunidade e ocupa um lugar central nas práticas políticas, econômicas e sociais. (p.03, 2000)

Os jovens enfrentam risco maior do que os adultos quando são expostos ao suicídio, seja na televisão, seja em jornais, seja em revistas e podem imitar o comportamento suicida.

Segundo a OMS,

COMO NOTICIAR O SUICÍDIO EM GERAL Os assuntos específicos que devem ser abordados na cobertura de um suicídio incluem os seguintes: • as estatísticas devem ser interpretadas cuidadosamente e corretamente; • fontes de informação confiáveis e

autênticas devem ser usadas; • comentários improvisados devem ser feitos cuidadosamente, a despeito das pressões de tempo; • generalizações baseadas em fragmentos de situações requerem atenção particular; • expressões como “epidemia de suicídio” e “o lugar com a mais alta taxa de suicídio do mundo” devem ser evitadas; • deve-se abandonar teses que explicam o comportamento suicida como uma resposta às mudanças culturais ou à degradação da sociedade. (p.08, 2000)

É importante frisar que o manual não trata na área de comunicação, a questão da ficção, criação de narrativas audiovisuais que podem, eventualmente tratar do suicídio. Se por um lado preserva a liberdade de expressão e criatividade, por outro lado resulta em um acesso por parte do adolescente um produto que entra em conflito com que instituições como a OMS defende.

De acordo com a OMS, as especificações em casos específicos de suicídio defende:

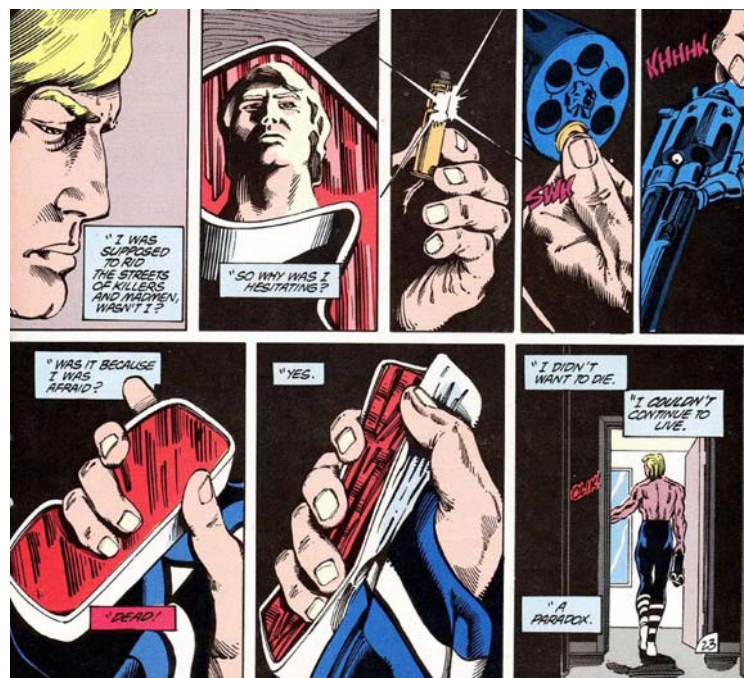
COMO NOTICIAR CASOS ESPECÍFICOS DE SUICÍDIO Os seguintes aspectos devem ser levados em consideração: • a cobertura sensacionalista de um suicídio deve ser assiduamente evitada, particularmente quando uma celebridade está envolvida. A cobertura deve ser minimizada até onde seja possível. Qualquer problema de saúde mental que a celebridade pudesse apresentar deve ser trazido à tona. Todos os esforços devem ser feitos para evitar exageros. Deve-se evitar fotografias do falecido, da cena do suicídio e do método utilizado. Manchetes de primeira página nunca são o local ideal para uma chamada de reportagem sobre suicídio. • Devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido. As pesquisas mostraram que a cobertura dos suicídios pelos meios de comunicação tem impacto maior nos métodos de suicídio usados do que na frequência de suicídios. Alguns locais – pontes, penhascos, estradas de ferro, edifícios altos, etc – tradicionalmente associam-se com suicídios. Publicidade adicional acerca destes locais pode fazer com que mais pessoas os procurem com esta finalidade. • O suicídio não deve ser mostrado como inexplicável ou de uma maneira simplista. Ele nunca é o resultado de um evento ou fator único. Normalmente sua causa é uma interação complexa de vários fatores, como transtornos mentais e doenças físicas, abuso de substâncias, problemas familiares, conflitos interpessoais e situações de vida estressantes. O reconhecimento de que uma variedade de fatores contribuem para o suicídio pode ser útil. • O suicídio não deve ser mostrado como um método de lidar com problemas pessoais como falência financeira, reprovação em algum exame ou concurso ou abuso sexual. • As reportagens devem levar em consideração o impacto do suicídio nos familiares da vítima, e nos sobreviventes, em termos de estigma e sofrimento familiar. • A glorificação de vítimas de suicídio como mártires e objetos de adoração pública pode sugerir às pessoas suscetíveis que a sociedade honra o comportamento suicida. Ao

contrário, a ênfase deve ser dada ao luto pela pessoa falecida. • A descrição das conseqüências físicas de tentativas de suicídio não fatais (dano cerebral, paralisia, etc), pode funcionar como um fator de dissuasão. (p.08, 2000)

É importante frisar no entanto, que algumas marcas de discurso do que se entende por suicídio em nossa sociedade se mantiveram, mesmo entre esses autores.

Um dos poucos personagens que comete suicídio por depressão é o Anti-herói conhecido por Vigilante. O personagem desenvolvido por Marv Wolfman, entra em uma espiral de violência desmedida que, se em um primeiro momento visa combater o crime, o mesmo passa a cometer atos de violência contra todo aquele que considera um mal a sociedade.

Figura 05: Cena de A morte de Vigilante



Fonte: <http://www.gothamcalling.com/wp-content/uploads/2015/07/Vigilante-50-23.jpg>

Com isso o Anti herói Vigilante lida com a depressão e a culpa, uma vez que outrora era um promotor de justiça que ao ter sua família assassinada se torna um Vigilante, assim como ocorreu com Frank Castle.

O ápice da depressão de Vigilante se dá quanto ele mata por acidente um detetive da polícia. Sem hesitar ele chega em sua residência, vai até o banheiro e lá efetua um tiro na cabeça.

Para os casos de Jean Grey e Vigilante é importante refletir que esses personagens não possuem a questão norteadora do suicídio em sua construção ou jornada, diferentemente do Justiceiro. Mesmo o Vigilante com uma origem equivalente ao Justiceiro opta pelo suicídio em um capítulo derradeiro e, diferentemente do Justiceiro, o executa.

As marcas de suicídio em Justiceiro foram exploradas por diversos escritores que trabalharam com o personagem, entretanto Garth Ennis foi pioneiro em trabalhar o suicídio em diversos momentos da vida de Castle, a ponto de passar de um elemento imaginário para um ato presente no seu cotidiano.

(...) É precisamente a ficção que possibilita viver e contemplar tais possibilidades, graças ao modo de ser irreal de suas camadas profundas, graças aos quase-juízos que fingem referir-se a realidades sem realmente se referirem a seres reais e graças ao modo de aparecer concreto e quase-sensível deste mundo imaginário nas camadas exteriores. (ROSENFELD, p.46, 2014)

Garth Ennis escreveu toda a jornada do anti herói, abordando desde sua infância até os últimos dias de Castle. É importante frisar que Garth não se preocupa em escrever um personagem alinhado com a cronologia de escritores antecessores e sim busca conhecer a essência do personagem e o reconfigura a ponto de oferecer uma versão definitiva do personagem, utilizada em versões para quadrinhos e outras mídias.

O primeiro ato de suicídio que Justiceiro se depara e na infância, descrito na história Tyger, escrita por Garth Ennis e ilustrada por John Severin. Na trama temos o Justiceiro do alto de um prédio em tocaia, esperando um importante mafioso sair de um restaurante. Durante essa espera, Justiceiro percebe que viveu naquela vizinhança e passa a recordar o jovem Frank Castle e as experiências que ajudou a moldar seu caráter.

Dentre as lembranças Castle presenciou um ato de suicídio. Andando na calçada com uma garota, Castle viu uma amiga em comum caminhando perdida no meio da rua, até um veículo atropelar e matar a moça.

Ao descrever o período de Castle na Guerra do Vietnã, em Punisher: Born, Garth Ennis expõe o tema na trama de Castle. Seu superior comete suicídio ao saber da invasão de seu front pelos vietnamitas. Nesse caso Frank não testemunha o ato, mas se

relaciona com personagens com tendências suicidas, como o próprio superior e soldados.

Ao trabalhar com o personagem Justiceiro em sua jornada contra o crime, Garth Ennis trabalha em diversos momentos a questão do suicídio. Na história Bem Vindo de volta Frank Castle, o escritor apresenta Justiceiro como alguém tolerado e aceito informalmente entre a polícia, mas que precisa ser detido pelos mesmos, ainda que de forma a dar satisfação a sociedade e ressaltar o imaginário coletivo da premissa que Justiceiros e Vigilantes são uma anarquia ao sistema.

Para tanto a polícia designa seu pior detetive para a tarefa, o policial Soup. Oferecem a ele as piores condições possíveis de trabalho e apenas um profissional para auxiliá-lo, o psicólogo Buddy Plugg. Ele se considera profundo pesquisador da psique de Justiceiro e apresenta seus estudos a Soup que critica o trabalho. O psicólogo se sente ofendido e humilhado a ponto de cometer suicídio.

Figura 06: Cena de Bem vindo de volta Frank



Fonte: https://static.comicvine.com/uploads/square_medium/11126/111266228/4937191-ripbudplugg.jpg

Outro momento na jornada do Anti-herói escrita por Garth Ennis e ilustrada por Lan Medina. Neste arco Garth apresenta uma personagem que busca vingança contra um grupo de mulheres, viúvas de criminosos mortos pelo Justiceiro. Essa personagem se aproxima do Justiceiro a ponto de vestir a roupa dele e executa essas mulheres. A mulher tinha câncer terminal e ambos se aproximam em uma relação de paixão e

vingança que culmina no suicídio da personagem na presença de Castle enquanto mantinham relações sexuais.

Figura 07: Cena The Punisher



Fonte: <http://thoughtsofaworkshyfof.blogspot.com.br/2016/03/punisher-max-book-8-widowmaker-43-49.html>

Mídia, cotidiano e suicídio

O imaginário coletivo acerca do suicídio é reforçado no nosso cotidiano por uma massiva mensagem do quanto é errado cometer esse ato. Encontramos em doutrinas religiosas intolerância ao assunto, independente dos motivos que culminaram em tal ação. Na política há ausência de debate acerca do tema e mesmo no nosso cotidiano o assunto é tratado como um tabu. Assim a ficção ganha contornos de meio de discussão e reflexão.

Em outra vertente temos, a partir da cultura de conexão indivíduos que produzem, compartilham e interagem nas redes sociais e criam nichos de conhecimento diversos. Dentre eles, temos comunidades voltadas para a disseminação da prática de suicídio. Jovens filmam a própria morte em lives de internet, ou procuram em tempo real, informações de como executar tal ação.

No Brasil, o caso de maior impacto foi do jovem músico Vinícius, conhecido como Yoñlu. Dono de um talento raro, cometeu suicídio com apenas 16 anos, conectado até o fim na internet e debatendo com internautas de todo o mundo em como executar o ato.

Em 2006, Yoñlu usou a internet para descobrir maneiras efetivas de se suicidar. Com a ajuda de fóruns, aprendeu o método, pediu ajuda e foi até o fim, deixando para trás um HD cheio de fotos, desenhos, escritos

e músicas. Dois anos depois, o caso repercutiu na mídia nacional quando seu pai decidiu tornar “imortal” o que restou de Vinícius, lançando o CD póstumo “A Society in Which no Tear is Shed is Inconceivably Mediocre” (em tradução livre: Uma sociedade que não derrama uma lágrima é inconcebivelmente medíocre). (FERREIRA e RAMALHO, p. 19, 2013)

Figura 08: Capa com destaque do caso Yoñlu



FONTE: http://colunas.revistaepoca.globo.com/fazcaber/files/2008/09/CAPA_508_a.jpg, 2017)

Nesse caso específico, podemos considerar que apesar dos meios de comunicação, e fazemos aqui a inclusão das histórias em quadrinhos, o pudor e receio de tratar o tema, o que faz com que o leitor obtenha poucas informações complementares a formar seu conceito acerca do tema. No entanto, esse indivíduo pesquise, por conta própria, onde buscar informações e pares, o que resulta em aconselhamentos, informações e ações que só complementam e incentivam a prática do suicídio.

A morte de Vinícius/Yoñlu não ocorreu sem causa aparente. Grande parte deve-se à depressão, mas a maior parte deve ser atribuída aos sites que freqüentava. O acesso ao histórico do computador do garoto revelou que ele era membro assíduo de um fórum americano de suicídio, e foi nele que postou suas últimas mensagens, dizendo que havia acendido duas grelhas no banheiro e como deveria proceder para desmaiar e morrer de forma pouco dolorosa. Em poucos minutos foi respondido (Um dos membros era ex-bombeiro e informou-lhe que deveria enrolar-se em um pano molhado para suportar o calor até o momento da morte), e dali há pouco o ato havia se consumado. (COSTA, p.08, 2014)

Outro elemento de discussão midiática que envolve o tema é o suicídio assistido, do qual um paciente em estado terminal solicita a abreviação de seu sofrimento. O exemplo midiático mais recente é da atleta paraolímpica Marieke Vervoort que possui, desde 2008 a documentação necessária para solicitar a eutanásia assistida.

Na área das narrativas audiovisuais, podemos citar a série *13 Reasons Why*, adaptado da obra de Jay Asher de 2007, que possui como tema central o suicídio e é exibida na Netflix. O lançamento da série foi realizado com amparo de instituições de apoio psicológico e psiquiátrico, justamente para reduzir ao mínimo o risco de contaminação da ideia de suicídio.

(...) “Sou eu ao vivo e em estéreo. Sem a promessa de retorno, sem bis e, desta vez, sem atender aos pedidos. Pegue um lanche. Acomode-se. Porque eu vou contar a história da minha vida. Mais especificamente, porque minha vida terminou.” Não é spoiler, não se trata de revelar o segredo antes mesmo de a trama mal começar. A jovem personagem começa anunciando que tirou a própria vida - e, com isso, a série deflagrou um debate difícil: deve-se tratar um suicídio com tanta abertura, sobretudo entre adolescentes? (VIDALE, CUMINALE E BOTELHO, p.99, 2017)

Figura 09: Cena de *13 Reasons Why*



Fonte: <https://imagem.petiscos.jp/wp-content/uploads/2017/04/cena-banheira.jpg>

A Netflix procurou o Centro de Valorização da Vida (CVV) no Brasil solicitando autorização para divulgar o número do serviço (141) no episódio final. As narrativas audiovisuais possuem um debate midiático mais imediato que as histórias em quadrinhos, por ter uma curva de popularidade massificada maior e em um espaço temporal mais breve. Segundo o Psiquiatra Humberto Corrêa, citado por VIDALE, CUMINALE e BOTELHO, “13 Reasons Why é perigosa por romantizar o suicídio e simplificar o assunto ao apontar culpados. Nada do que se refira ao suicídio pode ser simples” (p.100, 2017)

Com esse cenário exposto, entendemos que Justiceiro é um dos poucos personagens que aborda a questão durante sua cronologia e que estabelece um debate acerca do tema com o público-alvo dos comics. Não devemos entender que Justiceiro faça apologia ao tema, pelo contrário. O personagem possui marcas de discurso que o torna uma pessoa impossível de ser referenciada ou admirada, como é um Superman ou Homem-aranha, entretanto, considerando que o personagem atinge um público alvo com taxa de suicídio torna-se de extrema importância a exposição do tema e a proliferação de debate acerca do mesmo com responsabilidade de autores, editores e críticos de quadrinhos. Por fim, é de suma importância que as empresas que licenciam personagens dessa natureza realizem parceria com centros e organizações que trabalhem com a prevenção e conscientização desse ato entre jovens.

Considerações finais

O presente artigo visa demonstrar as marcas de construção de sentido em Justiceiro a partir da temática do suicídio e como um personagem polêmico como este consegue estabelecer um debate acerca do tema a partir da sua popularidade midiática.

Ao longo dos 43 anos de criação do Anti-herói, Justiceiro fora retratado como um homem melancólico, depressivo e suicida em diversas esferas, seja na sua eterna guerra ao crime quanto na dor de sua perda pessoal.

A condição peculiar do personagem promove a não apologia ao suicídio, uma vez que se afasta do jovem comum, seja pela idade, por ser veterano de uma guerra que é distante do jovem contemporâneo e pela tragédia pessoal em sua construção, mas

enquanto personagem de uma cultura de massa mídia estabelece o debate presente no cotidiano e imaginário acerca não apenas da violência urbana, mas da própria condição humana, com ênfase na depressão e na posição de querer acabar com a própria vida.

É importante ressaltar que em nenhuma história o Justiceiro demonstra que o suicídio é algo bom ou o mesmo estimula a prática, mas enquanto meio de comunicação e ficção cabe a ele cumprir com a responsabilidade de refletir assuntos que são presentes entre nós e que ainda são considerados tabus devido aos nossos credos pessoais e sociais, responsáveis pela construção do nosso imaginário pessoal. A narrativa ficcional permite que o indivíduo reflita sem o intermédio de outras pessoas, o que se faz importante no universo do jovem e adolescente, uma vez comprometido na cultura de conexão com uma miríade de grupos, comunidades e pessoas que não estão interessados em um bem-estar, mas de proliferar a prática do suicídio.

Esperar do comics ou de personagens heroicos um aprofundamento acerca do tema é algo inviável se analisarmos o atual cenário comercial e midiático dos personagens de quadrinhos, mas vale ressaltar que em outras escolas de arte sequencial como o comics underground o tema é discutido com bastante maturidade, mas sem o apelo midiático que o tema precisa.

Por se tratar de uma ficção, o autor não se sente obrigado a seguir as recomendações da Organização Mundial da Saúde acerca do tema, mas entendemos que o autor de quadrinhos pode, em suas pesquisas de criação de histórias, considerar as recomendações da OMS. Isso complementa a ficção e estabelece um diálogo de auxílio ao jovem que busca em seus personagens de quadrinhos uma fonte de inspiração.

Justiceiro acaba por ser um meio importante de leitura, construção de sentido e temática diante do tema, seja pela qualidade das histórias e pelo seu alcance midiático, podendo ser utilizado como estratégia complementar de ensino e debate em sala de aula ou em outros ambientes educacionais.

O seu sucesso comercial acaba por fim abrindo espaço para outros autores abordar a temática com outros personagens, como já o fazem com temas sobre racismo, homossexualidade entre outros temas.

Justiceiro acaba por ser um dos pioneiros nessa temática difícil de ser tratada pela sociedade, mas com necessidade urgente de ser discutida abordada no nosso cotidiano, e que a comunicação pode atuar no intuito de desconstrução de um

imaginário preconceituoso religioso e se reconfigura para um entendimento crítico é acima de tudo empático com aquele que opta por esse fim.

Referências

COSTA, Ana Luísa. **A relação entre o suicídio e a internet:** o fenômeno do 'suicídio.com'. Artigo publicado no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vila Velha - ES – 22 a 24/05/2014 - INTERCOM.
<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-0266-1.pdf>.

FERREIRA, Liz Mendes, RAMALHO, Alzimar Rodrigues. O suicídio como fato noticiável: análise da cobertura do caso Yoñlu. *In: Revista Iniacom* Vol. 05, n. 01 – 2013.
<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/iniciacom/article/viewArticle/1630>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Prevenção do suicídio:** um manual para os profissionais da mídia. Genebra: 2000. Disponível em:
http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/67604/7/WHO_MNH_MBD_00.2_por.pdf
Acesso: 10/07/2017

ROSENFELD, Anatol. **Literatura e personagem.** *In:* CANDIDO, Antônio. A personagem de ficção. 13.edição. São Paulo: Perspectiva. 2014

VIDALE, Giulia, CUMINALE, Natalia e BOTELHO, Thaís. A vida como ela não deveria ser. *In: VEJA* edição 2527 - ano 50 - n. 17. São Paulo: Editora Abril. 2017

XAVIER, Adilson. **Storytelling:** histórias que deixam marcas. Rio de Janeiro: Best Business, 2015.